

CONVERSAS EM REDE: IDEACÃO DO SUICÍDIO ENTRE ADOLESCENTES DO IFG CÂMPUS LUZIÂNIA.

Hellen Ivone Bento dos Santos¹

Lucas Vítor de Paula²

Caroline Soares Santos³, Daniel Rosa Canedo⁴

¹Instituto Federal de Goiás/Luziânia/Técnico em Informática para Internet - PIBIC, hellen.ivone@gmail.com

²Instituto Federal de Goiás/Luziânia/Técnico em Informática para Internet - PIBIC, lucasvitorifg@gmail.com

³Instituto Federal de Goiás/Luziânia/Departamento de Áreas Acadêmicas, carol.politica@gmail.com

⁴Instituto Federal de Goiás/Luziânia/Departamento de Áreas Acadêmicas, danielcanedo@gmail.com

Resumo

A pesquisa “Conversas em Rede: ideação do suicídio entre adolescentes do Instituto Federal de Goiás – Campus Luziânia” tem por objetivo investigar a representação dos conflitos entre adolescentes em um ambiente virtual criado especificamente para a pesquisa, tendo como questão principal a ideação do suicídio. Considerando a novidade das novas formas de sociabilidade em ambientes virtuais e ao mesmo tempo o grande acúmulo dos estudos sociológicos sobre o suicídio, o desafio teórico da pesquisa foi o de atualizar as questões que envolvem o problema do suicídio entre adolescentes no Brasil. A pesquisa teve como principal estratégia metodológica a criação de uma rede social, chamada de “FOCA”, que serviu como grupo focal formado por adolescentes do IFG/Campus Luziânia, as análises e resultados baseiam-se, portanto, nos diálogos, reflexões e discursos estabelecidos neste ambiente virtual. Apesar da dificuldade encontrada pelos pesquisadores para ampliar a pesquisa para outras instituições de ensino da cidade, a adesão dos adolescentes à rede social foi expressiva, ainda que poucos tenham dado sua opinião.

Palavras-chave: Redes sociais, ideação do suicídio, adolescentes

INTRODUÇÃO

Com base nos altos índices de morte por suicídio não somente no Brasil, mas também no mundo, a pesquisa teve por objetivo investigar a representação dos conflitos entre adolescentes, quais motivos os levam a não somente desejar, mas também desistir da morte como solução. O estudo se deu em um ambiente virtual, denominado Foca, criado especificamente para a pesquisa, para que os alunos do Instituto Federal de Goiás— Campus Luziânia e adolescentes que lessem e/ou escrevessem sobre o tema “suicídio” na rede social virtual Nyah!Fanfiction pudessem expressar sua opinião sobre as questões semiestruturadas postadas no ambiente Foca.

Levando em conta os elevados índices supracitados, logo de início observou-se um escasso material de estudo sobre o tema “suicídio e adolescência”, minimizando ainda mais os resultados quando esse tema relacionava-se as “redes sociais virtuais”, não havendo nenhum

estudo encontrado com os três temas que pudesse ser aproveitado para dar caminhos à pesquisa. Um dos objetivos então, tornou-se descobrir porque há, de certa maneira, uma negligência com o assunto.

A pesquisa entrecruza três temas principais: os impactos das novas relações sociais em ambientes virtuais, mais especificamente nas redes sociais; a ideação do suicídio como um fenômeno sociológico; e, por fim, o processo de resolução de conflitos entre adolescentes, como estes enxergam o suicídio, e quais motivos os levam a desejar a morte ou repudiá-la.

Levando em conta que cada um desses temas fazem parte de áreas específicas do conhecimento, o problema teórico da pesquisa é discutir de que maneira a ideação suicida entre adolescentes vem sendo experimentada nos novos ambientes de relacionamento, como são as redes sociais.

A ideação suicida é uma categoria muito usada na área específica da psicologia e geralmente é entendida como “pensamentos, ideias, planejamento e desejo de se matar” (ARAÚJO, L.C.; VIEIRA, K.F.L.; COUTINHO, M.P.L., 2010). Entretanto, mesmo partindo deste enfoque médico e psíquico do problema, a pesquisa avança para a discussão social do desejo de morrer, e nesse caso específico soma as contribuições sociológicas do estudo clássico do suicídio (DURKHEIM, E., 2000), das discussões sobre a modernidade ou pós-modernidade e as novas formas de sociabilidade (BAUMAN, Z., 2004; ELIAS, N., 1994).

DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A própria definição de Suicídio apresenta suas divergências. Etimologicamente, a palavra suicídio é originada do latim *Sui* (si mesmo) e *Caederes* (ação de matar), mas defini-lo como a ação de matar a si mesmo é muito abrangente, sendo necessário uma definição mais direta, pois nesse sentido todo e qualquer ato, provido ou não de intenção, que tenha como resultado o fim da vida de quem o realiza poderia ser considerado como tal. Durkheim (2000) questiona as descrições feitas até então, elucidando que apesar de ter como posto que todos os indivíduos conheçam o significado do termo, este muitas vezes é incompleto.

De fato, o suicídio é a ideia máxima da violência, na qual o indivíduo retira a própria vida. No entanto, o ato do suicídio não limita-se ao uso da violência física contra si mesmo, e nem a atos que tenham consequências diretas e rápidas, uma vez que atitudes negativas como deixar de se alimentar, implica também na morte do indivíduo. Em contrapartida, como afirma o sociólogo, não se pode demarcar da mesma forma alguém que o comete sem ter a consciência ou noção clara do que aquilo causará que alguém que tem não somente consciência, mas também expectativa do resultado, ou seja, “incluir numa mesma classe e tratar da mesma maneira a morte do alucinado que se joga de uma janela alta por acreditar que ela se encontra no mesmo nível do chão e a do homem, são de espírito, que se atinge sabendo o que está fazendo”

Assim, a definição dada por Durkheim é:

Chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela saiba que produziria esse resultado. (DURKHEIM, E., 2000, p. 14)

Como mostrado no artigo *Ideação suicida na adolescência: prevalência e fatores associados* (SOUZA, L.D.M.; ORES, L.; OLIVEIRA, G.T.; CRUZEIRO, A.L.S; SILVA, R.A.; PINHEIRO, R.T.; HORTA, B.L., 2010), a explicação errônea afeta diretamente nos diagnósticos, e assim, nas estatísticas, essas já sendo prejudicadas em nível mundial, uma vez que cada país possui seus próprios parâmetros, e os dados são coletados de acordo com os atestados de óbito. Esses podem ser falseados uma vez que não é possível definir quando o modo da morte foi ou não causado pelo desejo da morte, como a diferenciação de overdose de drogas e acidentes de carros podem ser tentativas de suicídio. No caso das crianças e dos adolescentes esse problema se agrava a partir da pressão dos pais e da sociedade para que os atestados sejam falsificados.

Conforme exposto no livro *Mapa da Violência 2014, no Brasil*, as taxas de suicídio são baixas se comparadas aos outros países ocupando a 63ª posição na lista de suicídios da população total e 60ª na lista de suicídios da população de jovens. Apesar de inferiores, está sendo verificada uma tendência de crescimentos, onde entre 1980 e 2012 houve o crescimento de 62,5%. As taxas de suicídio apresentaram uma tendência de crescimento progressivo, uma vez que entre a década de 1980/1990, os suicídios cresceram 2,7%, na década 1990/2000 cresceram novamente 18,8% e entre os anos 2000 e 2012 33,3%.

Tendência semelhante verifica-se na população jovem, inclusive com queda de 7% no primeiro período, aumento de 9% no segundo e de 24,2% no terceiro. Considerando a população de 15 anos e mais, a faixa etária dos 15 aos 19 anos de idade foi a de maior crescimento dos suicídios desde 1990 até 2012, o que já deveria ser motivo de enorme preocupação. (WASELFISZ, J., 2014, p. 183)

[...] surpreende a elevação significativa das taxas de suicídios a partir dos 17 ou 18 anos de idade, com taxas bem acima da média nacional, em torno de 5 suicídios a cada 100 mil habitantes. (WASELFISZ, J., 2014, p. 24)

Entretanto, mesmo com as taxas crescendo a cada ano, é perceptível uma desatenção quanto ao assunto. Waiselfisz (2014) aborda o ponto de que, apesar das taxas serem altas, as taxas de acidentes de trânsito e dos homicídios é bem mais alarmante, sendo 5,5 homicídios e 4,5 mortes no trânsito para cada suicídio. Outro motivo para a não divulgação é o temor do “Efeito Werther”, fenômeno ocasionado quando a personagem da novela “O sofrimento do Jovem Werther”, de Goethe, se suicida com um tiro na cabeça e causa um surto de suicídio de jovens da mesma maneira. Ademais, como já dissemos a produção acadêmica, os estudos sobre o tema, não acompanhou o crescimento das taxas.

No entanto, além do suicídio consumado, existem mais duas categorias do comportamento suicida, que merecem atenção e estudo, pois antecedem o ato.

[...] num dos extremos tem-se a ideação suicida (pensamentos, planejamentos e desejo de se matar), e, no outro, suicídio consumado, com a tentativa de suicídio entre eles. (ARAÚJO, L.C.; VIEIRA, K.F.L.; COUTINHO, M.P.L., 2010)

Segundo o que foi exposto no artigo "Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio"(Araújo, L. C., Vieira, K. F. L., Coutinho, M. P. L.), na maioria dos casos de suicídio os homens são vítimas, mas se tratando da tentativa, os dados divergem: As mulheres são as principais protagonistas, de acordo com os autores possivelmente por serem mais suscetíveis a depressão. Isso se dá provavelmente pelos métodos: os homens utilizam meios mais violentos e irreversíveis, como pular de prédio e tiros, já as mulheres usam de overdose e corte nos pulsos, métodos menos eficazes.

Essa proporção se mantém em uma pesquisa realizada em 2005(Vieira LJES et al, 2008), com doze crianças e adolescentes que deram entrada na emergência do hospital em Fortaleza, Ceará, por tentativa de suicídio. Foram dez meninas e dois meninos, que responderam a entrevistas realizadas sobre o motivo que os levaram a tentarem tirar a própria vida, e o que mais alegaram foi o “amor não correspondido”, sendo amor no sentido conotativo quanto a relacionamento com conjugues, família e amigos. Isso demonstrou uma frustração afetiva, familiar, relacional, social e cultural, apontando uma fragilidade dos vínculos no relacionamento familiar, escassa demonstração de carinho, ausência de respeitos entre os membros da família, falta de valorização do adolescente, do seu físico e estética.

Apesar da dificuldade de se definir sociologicamente o que é o amor, a pesquisa apontou que é perceptível que um dos fatores mais relacionados ao suicídio é a falta de amor, ou seja, os adolescentes necessitam de atenção, ver que são amados, que possuem qualidades contempladas pelos demais indivíduos.

Como afirma Bauman (2004), o amor (e principalmente o amor próprio) faz com que tentemos com todas as forças continuar vivos, e essa forma de amor só é adquirida através do amor do outro, pois amamos o que os outros amam em nós.

[...]o amor-próprio estimula a gente a se “agarrar à vida”, a tentar a todo custo permanecer vivo, a resistir e enfrentar o que quer que ameace pôr fim à nossa vida de modo prematuro ou abrupto, ou, melhor ainda, a melhorar nosso vigor e aptidão física para tornar efetiva essa resistência. (BAUMAN, Z., 2004, p. 47)

A adolescência é cercada por descobertas e desafios, a transição para a vida adulta, onde o jovem se vê com muitas responsabilidades e dúvidas, e poucas certezas. Nesse momento, necessita de apoio e de ver que possui qualidades e defeitos próprios, assim como os demais. Contudo, só consegue interpretar que suas características são qualidades quando essas são apreciadas pelos outros, nesse momento necessita da aprovação daqueles que integram seu círculo social. E isso é válido, segundo Bauman (2004) para pessoas que vivem em sociedade em qualquer fase da vida:

...[o] que amamos em nosso amor-próprio são os eus apropriados para serem amados. O que amamos é o estado, ou a esperança, de sermos amados. De sermos objetos dignos do amor, sermos reconhecidos como tais e recebermos a prova desse reconhecimento. Em suma: para termos amor-próprio, precisamos ser amados. A recusa do amor — a negação do status de objeto digno do amor — alimenta a auto-aversão. (BAUMAN, Z., 2004, p.47)



Contudo, os animais, por exemplo, não possuem amor próprio e ainda assim conseguem sobreviver. Bauman (2004) pontua que isso é uma vantagem, pois, ao mesmo tempo que o amor próprio nos faz querer viver, ele também pode ir contra a sobrevivência.

A sobrevivência (animal, física, corpórea) pode viver sem o amor-próprio. Para dizer a verdade, poderia acontecer melhor sem ele do que em sua companhia! Os caminhos dos instintos de sobrevivência e do amor-próprio podem correr paralelamente, mas também em direções opostas... O amor-próprio pode rebelar-se contra a continuação da vida. Ele nos estimula a convidar o perigo e dar boas-vindas à ameaça. Pode nos levar a rejeitar uma vida que não se ajusta a nossos padrões e que, portanto, não vale a pena ser vivida. (BAUMAN, Z., 2004, p. 47)

Entretanto, mesmo encontrando-se explicações pessoais daqueles que tentaram suicídio, como afirma Durkheim (2000) o suicídio é social, ou seja, as circunstâncias particulares não são suficientes para explicar a taxa social do suicídio, ano após ano, aproximadamente, a mesma quantidade de pessoas se suicidaria e geralmente na mesma época do ano, isso provaria, segundo o autor, que, na verdade, existe uma "inclinação coletiva para este ato da qual derivam as inclinações individuais, em vez de ser a primeira a derivar destas últimas".

Partindo desse conceito, o suicídio (e, por conseguinte, a ideação suicida), deveria ser tratado para ser entendido como um fenômeno social e não psicológico, deveria levar em consideração apenas os aspectos macrosociais que explicam o problema. Entretanto, nesse artigo, o termo sociedade será utilizado com base na definição de Norbert Elias:

[...] cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e a nada mais, que chamamos "sociedade". (ELIAS, 1994, p. 21).

Nesse sentido, sociedade seria, além de um conjunto de indivíduos, a relação de dependência — explícita ou implícita — entre os indivíduos que a integram. Ao invés disso, Durkheim faz uma escolha de explicar o suicídio que tem a ver principalmente com as questões culturais e tradições de determinadas sociedades, o foco seria defender como o suicídio pode ser explicado como um fato social, ou seja, o resultado de pressões externas a ele. No caso da perspectiva dos fenômenos sociais conforme a contribuição de Elias (1994), a explicação sociológica, a partir do momento que tenta entender de que forma essas pressões acontecem pra cada um em relação com os demais, evita generalizações mais amplas como faz Durkheim. Essa opção metodológica nos permite ver o problema muito mais pelo seu processo do que pelos resultados.

Desta discursão é importante ressaltar as diferenças temporais de cada uma dessas perspectivas. Enquanto Durkheim desenvolve suas pesquisas no início do século XX, em plena definição dos limites da Sociologia e disputas por seu reconhecimento científico, Elias favorece-se deste acúmulo e amadurecimento das pesquisas sociológicas e das próprias contribuições de Durkheim. É apenas quando se considera o grande passo dado por Durkheim ao perceber os aspectos macrosociológicos do suicídios, é que se é possível partir para sua complexificação, ou seja, adentrar aos níveis das relações. No caso desta pesquisa, a nossa opção foi, baseados nessas contribuições, entender a ideação suicida muito mais pelas relações dos indivíduos com as pressões sociais presentes em suas relações cotidianas do que analisar os dados macrosociológicos sobre o suicídio, principalmente quando da escolha do método, mesmo que entendendo que essas duas dimensões se complementam.

METODOLOGIA

A pesquisa foi construída em três momentos principais: um primeiro momento de estudo sobre o problema e revisão de bibliografia; o passo seguinte de desenvolvimento da ferramenta que funcionaria como ambiente de pesquisa, a saber, a rede social, e também, de outra ferramenta para divulgação da pesquisa; e, por último, os diálogos com os participantes da rede sobre o tema do suicídio.

No desenvolver da pesquisa percebemos que o tema tratado, o suicídio, envolve uma série de sigilos com relação ao acesso a informações sobre casos e mesmo registro de incidência, de forma que, ao invés de tratarmos diretamente de casos consumados, consideramos mais factível falar em “ideação do suicídio”. Por outro lado também, consideramos mais profícuo considerar a perspectiva dos adolescentes de maneira mais individualizada e aprofundada, ao contrário da análise mais quantitativa que propomos inicialmente. A rede social criada para ser o próprio campo de pesquisa, foi outro facilitador porque permite, dentro de suas possibilidades, garantir o anonimato dos participantes.

Em seu decorrer, devido a diferentes motivos, o tema da pesquisa sofreu algumas alterações, primeiro em virtude da dificuldade que seria enfrentada para discorrer sobre suicídio e homicídio no tempo determinado, segundo em razão do já mencionado problema de sigilo referente ao tema suicídio, e por fim, diferente da ideia inicial, a pesquisa não se desenvolveu como as influências dos softwares de redes sociais — como Facebook, Twitter e Instagram — na ideação suicida entre crianças e adolescentes, e sim tendo as redes sociais como meio de discussão do tema.

Aqui o termo rede social é usado de acordo com o Dicionário do Priberam Online da Língua Portuguesa (com a diferença de que é especificamente para internet): “conjunto de relações e intercâmbios entre indivíduos, grupos ou organizações que partilham interesses, que funcionam na sua maioria através de plataformas da Internet” (Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/redes>>. Acesso em: 03, Ago e 2015)



Para tornar possível a discussão do tema, foi criada uma rede social de nome Foca (disponível em: <<http://schemeti.com.br/foca/>>), uma analogia ao termo "Focar", pois a pesquisa visava dar foco na relação entre suicídio, adolescência e rede social, essa sendo privada, onde somente os que possuíam cadastro poderiam visualizar, postar ou editar qualquer informação. Para a realização do cadastro e divulgação da pesquisa foi criado o website de nome equivalente Foca (disponível em: <<http://schemeti.com.br/joomla30/>>), este visível a todos, mas somente os administradores poderiam editar qualquer conteúdo. Neste ficava exposto o convite com um resumo para a participação da pesquisa, uma breve explicação sobre o que é o suicídio, os termos e condições para o uso da rede social e por fim o formulário de cadastro que solicitava informações para fins científicos. Ao realizar o cadastro, era retornado para o e-mail cadastrado o nome de usuário que havia sido escolhido e uma senha aleatória, para que esse pudesse acessar a rede, onde foram dispostas as perguntas. É importante ressaltar que para os demais participantes cadastrados somente o nome fictício de usuário seria visível. A divulgação da pesquisa além de ser feita pelo site e pessoalmente, também se deu através da divulgação do site web na rede social Facebook.

Tanto o ambiente virtual usado para discussão dos temas quanto o ambiente para divulgação da pesquisa foram desenvolvidas através de CMSs (Content Management System – Sistema de Gerenciamento de Conteúdo), que, de acordo com Barcia (2008), é uma plataforma de integração de ferramentas que possibilitam a criação e publicação de conteúdo em tempo real, onde os usuários utilizam um sistema "amigável", ou seja, é intuitivo e não necessita de uma programação específica, além de permitir uma fácil alteração na aparência da página através de templates (modelos de design para sites, sem conteúdo, ou seja, é relativo somente à imagem do site). Especificamente nesse caso foram usados os CMSs, Joomla! para o site de divulgação, e Elgg para a rede social. Estes foram escolhidos por possuírem uma ampla aceitação no mercado mundial, o Elgg sendo usado por diversas universidades e até mesmo pela NASA, e o Joomla! por diversas multinacionais e até mesmo governos, além de possuírem diversas outras vantagens como serem ferramentas open source, ou seja, de código aberto, possuírem suporte online, além de diversos plug-ins — ferramentas ou funções que podem ser adicionadas ao programa principal — desenvolvidos.

Ademais, todos os plug-ins usados na rede social foram encontrados em sua comunidade de desenvolvedores online, e essa ampla possibilidade de ferramentas disponíveis de forma gratuita em sua comunidade online foi um dos principais motivos que levaram à escolha desse CMS. A seguir, as figuras 1 e 2 mostram a página de login e a página inicial da rede social:

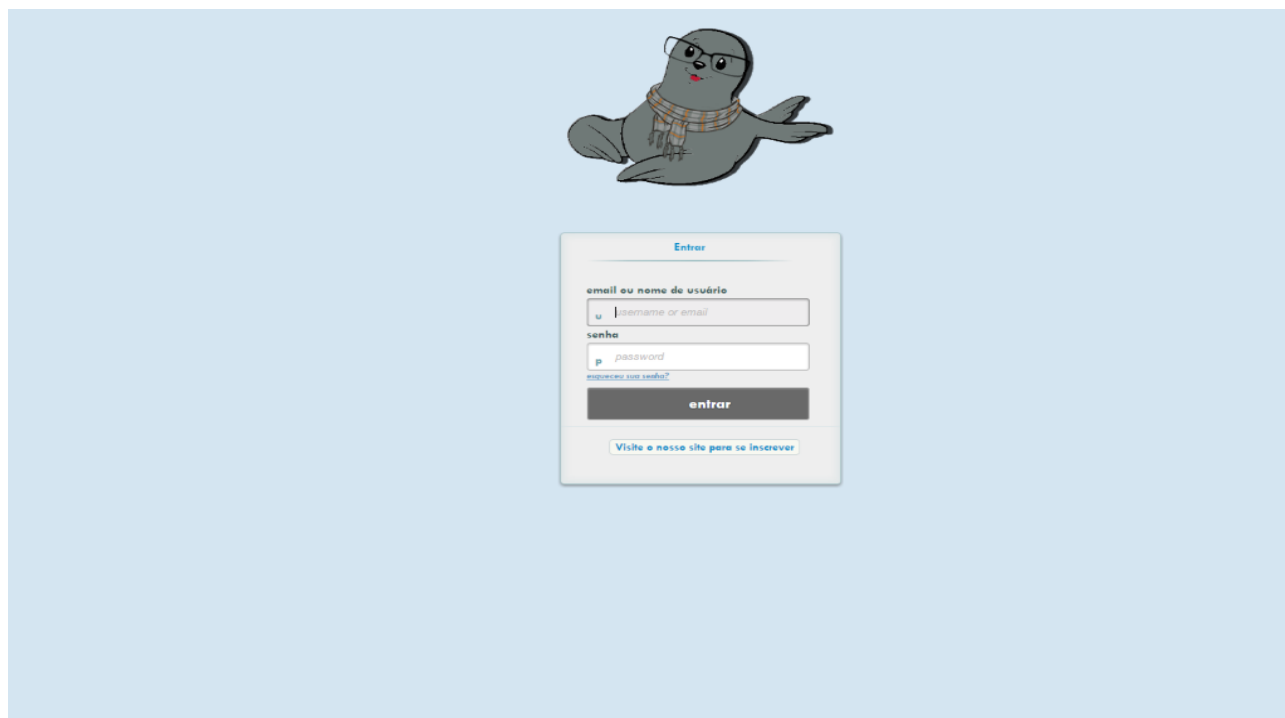


Figura 1: Página de entrada da Rede Social “Foca”.

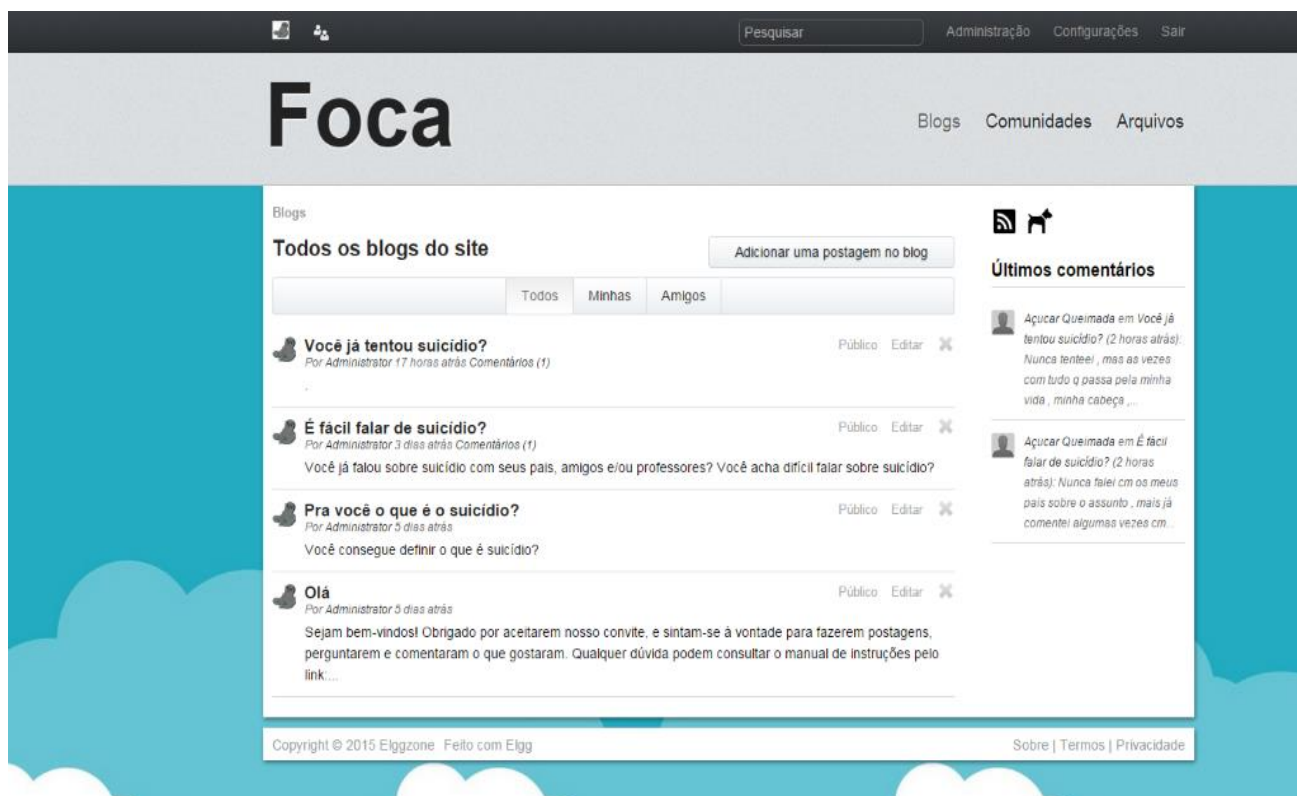


Figura 1: Página de conteúdos da Rede Social “Foca”.



Além da dificuldade de discussão do tema, outros contratempos encontrados foram a dificuldade de ampliar a pesquisa para outras instituições de ensino da cidade, problemas relativos à hospedagem dos sistemas desenvolvidos, além da baixa participação dos inscritos na rede, que levou à inserção de pessoas que não estudam na instituição a qual se destina a pesquisa. A baixa participação foi visível, pois dos trinta e sete inscritos, somente doze participaram ativamente, sendo que três deles não são da instituição.

Os diálogos analisados na pesquisa foram resultados de debates provocados por temas/questões geradoras organizadas na forma de diálogos semiestruturados.

A coleta de dados foi realizada com jovens do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Luziânia, e outros adolescentes (menos de 25%) que correspondiam a faixa etária e escreveram e/ou leram textos sobre suicídio postadas na rede social Nyah!Fanfiction, com idade entre 14 e 18 anos, sendo 83,3% do sexo feminino e 16,7% do sexo masculino (esses dados são relativos aos que participaram efetivamente das discussões). As conversas na rede presaram pelo sigilo com relação à identidade dos entrevistados e contaram com autorização da escola para a sua realização.

A divulgação da pesquisa se deu através de banners fixados nos murais do Instituto Federal de Goiás — Câmpus Luziânia e publicados nos grupos da rede social Facebook "IFG Luziânia" e "Nyah!Fanfiction Oficial", contendo um resumo, o convite para a participação do projeto e o link para o site com o formulário de inscrição. Desta maneira, cumpria-se o objetivo do anonimato dos participantes.

QUESTIONÁRIO

A interrogação de caráter pessoal “Para você o que é suicídio?” se destinava a experimentação sobre as ideias que os usuários possuíam sobre o tema, podendo ser respondida em amplos sentidos, cujas respostas confirmaram a colocação de Durkheim de geralmente as pessoas atribuem um sentido individual ao fato, uma vez que 75% afirmaram que o significado do suicídio variaria de pessoa para pessoa.

Devido às premissas de o suicídio ser um tabu foi levantada a questão quanto à facilidade ou não de abordar o tema entre pessoas próximas, principalmente com indivíduos que façam parte do círculo social, tal como pais, amigos e professores. Não foi realizada qualquer orientação sobre a abordagem do tema ser de maneira pessoal ou impessoal, contudo, alguns usuários colocaram o ponto em questão, afirmando que há diferentes reações das duas maneiras.

Apoiado nos dados supracitados sobre o motivo mais alegado em outras pesquisas ser "o amor não correspondido" e as maiores taxas de ideação suicida se darem na adolescência, foram realizadas questões referentes não somente às tentativas, motivos e momentos da vida em que houve desejo de desistir da vida, mas também quais outros motivos impediram de desejar a morte.

Foi transcrito na rede o poema escrito por Stephen Chboske (2007) no livro "As Vantagens de Ser Invisível". Este conta brevemente em versos acontecimentos da vida de um menino, dando ênfase nos poemas que ele escreve, mais de uma vez utilizando a frase 'porque era o que estava em toda parte', referindo-se que as produções dele eram resultados dos acontecimentos da sua vida, envolvendo escola, familiares, religião e relacionamento amorosos, desde quando era um menino até a sua morte, aparentemente prematura, quando escreveu o poema "Absolutamente Nada" e se auto mutilou, deixando no final do poema a ideia de que isso o levou a morte. Assim, o poema descreve sem revelar detalhes como idade ou tempo passado entre uma estrofe e outra, as mudanças drásticas ocorridas na vida de um indivíduo, e mais tarde o poema é referido como um bilhete suicida.

Para finalizar, foi questionada a opinião dos participantes quanto a maneira que as interações nas redes sociais virtuais contribuem ou não para o desejo de morte, havendo respostas divergentes quanto a positividade ou negatividade dessas interações.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Após os estudos e preparação do Elgg e do Joomla!, a rede social e o site ficaram prontos, sendo então divulgados. Foram cadastradas as primeiras pessoas e postadas as questões semanalmente. A rede social ficou disponível por sessenta dias, depois disso todas as respostas foram desconsideradas.

Na rede social as perguntas foram colocadas para que pudessem ser comentadas, e os comentários ficavam visíveis para todos os inscritos de modo a se estabelecerem diálogos. Alguns dos principais pontos abordados foram o modo como os demais grupos sociais enxergam o suicídio, entre aqueles que o tentaram, conseguindo ou não, e a reação das pessoas quando tocam no assunto.

Muitos definiram o ato de suicídio como limite, quando o indivíduo não vê solução para seus problemas, que não seja a morte. "O suicídio é o ápice; é o último estado em que um ser humano pode chegar, isto é, o de querer tirar a própria vida; porque presume-se que mesmo que o homem seja mau e tire a vida de alguém, ele é egoísta o suficiente pra querer se preservar em vida." (l@@h). As afirmações sobre o que é o suicídio se complementaram, afirmando que cada indivíduo o interpreta de uma maneira diferente, pois esse envolve emoções e contextos sociais, sendo difícil defini-lo de uma única maneira. Ou seja, em suas respostas, defenderam que cada indivíduo verá o suicídio — e aqueles que o fizeram — de maneiras distintas, pois os contextos culturais a quais estão inseridos afetam diretamente nessa percepção. Não obstante, afirmaram que o suicídio é fruto de complicações ocorridas na vida do indivíduo: "O suicídio para alguns é a saída de um momento difícil, ou até mesmo de uma vida repleta de tristezas que não querem mais ser vividas" (Chole Saibotris).

Somente um participante, KarlMarx, apontou o suicídio como produto da sociedade "Suicídio, a meu ver, é o estagio máximo do desespero, sendo assim um reflexo das relações sociais a qual o individuo está submetido, ou seja, o suicídio é o produto das opções que a sociedade oferece segundo a visão de Durkheim e o fato social".

Quanto a discutir sobre o tema, a maioria disse ter facilidade de fazê-lo com amigos, pois “quando falamos com pessoas da mesma idade, costumamos nos entender”(~Peixinho), e nunca tentaram falar com os pais ou professores por temerem sua reação: “[...] se for falar com algum parente, algum adulto, você receberá várias críticas, mas nunca te perguntarão realmente como se sente, irão dizer que você tem tudo e que não há motivo para tal pensamento.”(Lua Montes), e os que tentaram, realmente, não obtiveram uma boa reação. No entanto, foi apontado que há mais de uma maneira de abordar o tema, e que estas trazem reações diferentes. “Eu acho suicídio bem difícil de falar se formos envolver sentimentos, agora, se estes não forem envolvidos acaba se tornando algo relativamente fácil, dependendo da pessoa com a qual a conversa se desenvolve.” (Chloe Saibotris). A participante também complementou e se distinguiu dos demais, afirmando que já falou com professores e não se recorda de ter falado com os pais, mas que seria possível, pois a relação é, em suas palavras, “aberta”. Contudo, não deixou claro se a maneira que abordou ou abordaria seria ou não impessoal.

Ainda sobre a questão, apesar da declaração de ~Peixinho de pessoas da mesma idade se entenderem, alguns afirmaram que nem com os amigos conseguem se abrir, pois são incompreendidos, “Comentei algumas vezes cm os amigos e eles falam q é uma loucura minha...” (Açucar Queimada), todavia o sentimento de incompreensão também foi citado por ~Peixinho:

"Ninguém vai compreender.. disso eu já me conformei.. mas quando se guarda algo ruim pra si mesmo, só acaba em feridas e sofrimento..

Então eu não levo na forma de compreender o que eu sinto, mas sim a pessoa compreender que eu preciso me abrir..

Mas geralmente é muito doído perceber que ninguém te entende.. eu me sinto 'sozinho no meu mundo'..."(~Peixinho)

A sensação de isolamento foi apontada em mais de um momento, inclusive como motivos para pensar em desistir da vida. Bauman (2004) aponta que o que esperamos de um relacionamento é a segurança, o companheirismo, quando houver a necessidade haverá não somente a compreensão dos problemas, mas também o apoio e a ajuda para saná-los, não ser compreendido, portanto, vai diretamente contra essas necessidades.

Na medida em que os relacionamentos são vistos como investimentos, como garantias de segurança e solução de seus problemas, eles parecem um jogo de cara ou coroa. A solidão produz insegurança — mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá à ansiedade. (BAUMAN, Z., 2004, pp. 15-16)

Além dos motivos citados que alegaram para pensarem em desistir da vida, a solidão e a incompreensão, pontuaram também o sentimento de insignificância “[...] são nessas horas que se dá a vontade de ter alguma significancia.. depois que se morre, todos vão ligar para vc..[...]" (~Peixinho), impotência diante da necessidade de ser visto, por “ver tudo dar errado”, pela morte de pessoas amadas, mas principalmente pela desilusão.

Alguns interpretaram que uma possibilidade pelos índices da adolescência serem maiores é justamente porque nesse período há uma maturidade sobre a maneira de se perceber o mundo e as pessoas, nesse momento há a quebra das ilusões de que os pais são perfeitos e que a vida é como um conto de fadas.

“Acho que a maioria das vezes é na adolescência porque nessa fase começamos a ver o mundo como é realmente, as ilusões de criança vão se quebrando e você se vê pequeno e sozinho diante do mundo. Seus pais de repente se tornam pessoas cheias de defeitos, que também cometem erros, não apenas consertam. Você quer saber em que lugar você se encaixa nesse planeta e quer se provar e ser aprovado. Tudo isso ao mesmo tempo, com todas as novas sensações e descobertas sobre a vida e como as coisas funcionam. E isso não é fácil para ninguém.” (Coral)

A fala de Coral se relaciona diretamente com o trecho antes mencionado de Bauman(2004), que aponta sobre a importância de ser amado, nesse caso aprovado, com relação ao amor-próprio.

Alguns participantes utilizaram palavras como “covardia” e “coragem” quando questionados sobre se já tentaram suicídio. Isso reforça as visões divergentes sobre as maneiras de se ver o suicídio mencionadas anteriormente. Alguns afirmaram que não tiveram coragem, apesar de terem pensado sobre o ato de tirar a própria vida, outros afirmaram que se arrependem em simplesmente terem ponderado a ideia, como Rosa, que chega a afirmar que o suicídio é um “ato de covardia”. Outros opinaram que o suicídio seria somente uma maneira de tentar fugir dos problemas, mas estes permaneceriam. A participante Coral contou com detalhes o momento em que tentaria tirar a própria vida através de overdose de medicamentos, chegando a preparar tudo, mas no momento em que ia ingerir, a irmã entrou em contato, e a fez desistir, sem que esta soubesse o que se passava. Quanto a opinião sobre ser covardia ou coragem, a opinião do grupo foi de que os indivíduos se relacionam de maneira diferente com as dificuldades. A resposta de Coral, que foi apoiada por Chloe Saibotris, é a seguinte:

“Não acho que dê para julgar suicídio como ato de coragem ou covardia. Nossa mente é uma ilha e não devemos nos precipitar julgando o sofrimento dos outros pelo nosso próprio. Algo que te atinge de um jeito pode não ser tão simples para a pessoa ao seu lado. Tem tantos fatores envolvidos...não é algo exato.”(Coral)

Um fato importante foi quanto às respostas dos motivos que fariam desistir do desejo de morte, pois ao mesmo tempo que citaram, além da religião, os relacionamentos sociais entre e a família e amigos, alguns apontaram os mesmos motivos para desejar a morte “Estava triste por meus pais brigavam muito, descobri que as pessoas que eu pensava que eram meus amigos não eram, e estava cansada de não conseguir ser a pessoa que eu queria ser” (Lesly).

Pensar sobre o suicídio, pela opinião dos participantes, gera reflexão e tristeza, fato confirmado com os comentários sobre o poema de Stephen Chboske (2007), onde Lua Montes alega que traz a sensação de paz e de ser compreendido, e Chloe Saibotris afirma que este traz o



sentimento de começar a entender a tristeza dos suicidas, e isso muda seu modo de enxergar o tema.

A questão de fechamento referia-se as influências das redes sociais virtuais nos indivíduos, se as interações que ali ocorrem contribuem ou não para o desejo de morte. As respostas foram escassas, somente três participantes responderam, contudo, essas foram além do proposto.

KarlMarx afirmou que acredita que essas são para a expressão dos sentimentos, assim havendo uma troca de experiências e vivências. No entanto, ~Peixinho sustentou que geralmente ali muitos são influenciados, há um padrão de comportamento, onde aqueles que não estão dentro sentem-se isolados. Mas também mostrou a outra face, consolidando que pode se encontrar outras pessoas fora desse padrão, que pensam semelhante e podem se entender. A participante ~Peixinho, completando com o testemunho que em uma rede social encontrou uma das pessoas que para ela é uma das mais importante, sendo uma das poucas com quem discuti suicídio.

Chloe Saibotris não só confirmou a ideia de ~Peixinho, como também citou as ocorrências de cyberbullying que podem levar pessoas a morte, mas ali pode se encontrar outros indivíduos que afastem o desejo dela, relatando que “uma pessoa que eu nunca sequer vi o rosto pessoalmente já salvou minha vida”. Tanto ~Peixinho quanto Chloe Saibotris atestaram a via dupla das redes sociais virtuais, que afinal, parecem ser somente uma extensão das relações sociais de uma maneira mais exposta, e sendo assim pode ser usado como mecanismo de ajuda, ou como uma arma mortífera.

Através dos discursos dos jovens que participaram da pesquisa, foi perceptível o fato de que a maioria deles já passaram pela ideiação suicida, ou já, ao menos, quis morrer — não necessariamente através do suicídio, o que mostra o receio que esse termo traz —, porém foram impedidos por causa do amor, seja da — ou pela — família e amigos, ou religioso (com predominância do cristianismo, onde “Deus morreu para dar a vida”, ou porque “só ele tem o direito de tirá-la”). Também foi possível ver a vontade de discussão do tema, porém certo receio em fazê-lo, devido uma potencial resposta negativa, ou por não serem compreendidos. Além disso, apesar de apontarem motivos semelhantes para o suicídio, somente um dos doze participantes que atuaram diretamente na rede, afirmou o suicídio como um produto da sociedade, e não algo particular.

Considerando que a pesquisa dirigiu-se a adolescentes mais menos numa mesma faixa etária, observaram-se traços comuns de conflitos críticos típicos, como as dificuldades de relacionamento e comunicação com os pais ou pessoas próximas de outras faixas etárias, o que confere a esses indivíduos um sentimento de solidão e incompreensão que muitas vezes não encontra saídas nem mesmo na religiosidade ou apenas nela. Entretanto, apesar de considerarmos as particularidades da adolescência, os citados autores que estudam a modernidade e a pós-modernidade apontam que o isolamento dos indivíduos é também uma construção social de nosso mundo contemporâneo. Sendo assim, ainda que mediadas por redes sociais, as relações afetivas, ou a falta delas, continuam estando diretamente ligadas à ideiação suicida.

REFERÊNCIAS

- Waiselfisz, J. J. **Mapa da Violência 2014**: Os Jovens do Brasil. 1ª edição. Rio de Janeiro: Flacso Brasil. 2014.
- Bauman, Z. **O Amor Líquido**: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- Durkheim, E. **O Suicídio**: Estudo de Sociologia. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Elias, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.
- Souza LDM et al.;Ideação suicida na adolescência: prevalência e fatores associados; **J Bras Psiquiatr**.v. 59(4):286-292, nov. 2010
- Vieira LJES et al;“Amor não correspondido”: discursos de adolescentes que tentaram suicídio; **Ciência & Saúde Coletiva**, 14(5):1825-1834, out. 2009.
- Araújo, L. C.,Vieira, K. F. L.,Coutinho, M. P. L. Ideação Suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio; **Psico-USF**, 15 (1): 47-57,jan./abr. 2010
- Autor não especificado. **Nyah! Fanfiction**. Disponível em: <<https://fanfiction.com.br/>>. Acesso em: 03, Ago e 2015
- Priberam Informática, S.A. **Priberam Dicionário**. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/redes>>. Acesso em: 03, Ago e 2015
- Barcia, L. M. G. **A utilização da plataforma joomla! na escola**. Portugal: Universidade: Católica Portuguesa, 2008. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação.